

O adolescente vota como adulto

Fernando Collor de Mello também é o preferido entre os jovens de 16 e 17 anos — um grupo que se julga despreparado para votar, tem pouca identificação com política, mas pretende escolher o futuro presidente da República nas eleições de 15 de novembro

O jovem de São Paulo considera a situação política do País muito ruim e acha que o próximo presidente terá de domar a economia para fazer um bom governo. Apesar do pessimismo com a vida pública, a maioria dos adolescentes se sente feliz e esperançoso. Essas são as conclusões do departamento de pesquisa do Estado, que ouviu 1.200 jovens entre 16 e 17 anos na Capital e outras sete cidades paulistas para saber o que pensam, em que acreditam e em qual candidato à Presidência desejam votar. A pesquisa foi realizada entre os dias 20 e 23 de maio.

Quando se trata de voto, os adolescentes agem como adultos. Fernando Collor de Mello (PRN) era o preferido dos entrevistados, com 30% das intenções de voto, Luís Inácio Lula da Silva (PT) tinha 16%. O terceiro lugar foi de Mário Covas (PSDB) com 10%; Ulysses Guimarães (PMDB) teve 8%, Aureliano Chaves (PFL) e Leonel Brizola (PDT) dividiram a sexta posição com 2% — o ex-governador do Rio, segundo colocado nas pesquisas nacionais, repete, com o público adolescente, sua baixa densidade eleitoral em São Paulo.

Até o momento, não se percebe uma tendência de voto jovem discrepante da média dos eleitores, afirma o cientista político Bolívar Lamounier, do Instituto de Estudos Econômicos, Sociais e Políticos de São Paulo (Idesp). O jovem de São Paulo se julga despreparado para escolher o futuro presidente, não se identifica com política, mas pretende votar no dia 15 de novembro, sem que nenhuma instituição ou partido tenha se interessado em cortejá-lo. "Não há convenção ou programa partidário com referências concretas aos jovens", lamenta o psiquiatra Paulista Haim Grunspun, da Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP). "Não se fala de maneira objetiva em educação ou oportunidades de emprego. Cerca de 7,5 milhões de jovens pode-

rão votar e os políticos simplesmente os ignoram", dispara Grunspun.

Para Bolívar Lamounier, os adolescentes devem esperar em vão por carinhos especiais nessa campanha. "Como se trata de uma eleição majoritária, o discurso dos candidatos apelará a temas que seduzam um público amplo. Eles terão pouco a dizer para o jovem", prevê Lamounier. O presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Francisco Rezek, acenou várias vezes com uma campanha de esclarecimento para o voto do adolescente. A iniciativa ficou na intenção.

As entidades dos estudantes secundaristas também bradam por uma maior participação da juventude no processo eleitoral, mas, na prática, contribuíram com pouca coisa. "Os jovens estão preocupados em resolver cada qual o seu lado, e política é uma atividade coletiva", diz Hélio Maurício Barroso, secretário da outorora poderosa União Nacional dos Estudantes (UNE).

Ex-dirigente da UNE entre 1962 e 1963, o atual presidente do Sindicato dos Sociólogos de São Paulo, Vinicius Caldeira Brant, culpa o movimento estudantil pelo desinteresse juvenil pela política. "Os partidos políticos, principalmente o PC do B, destruíram o movimento estudantil", acredita Caldeira Brant. "Os jovens acabaram desestimulados e em muitos casos se tornaram apolíticos."

Algumas exceções, porém, florescem à margem do movimento estudantil tradicional, como o Se Liga 16, que reúne adolescentes cariocas com o único objetivo de atrair novos eleitores para o pleito de 15 de novembro.

"Falta combustível para alimentar o interesse pela política, e o jovem está voltado para sua vida pessoal", afirma Lamounier. "Eles ainda estão decidindo o que fazer com esse novo direito", julga o cientista político.

A seu ver, o alto índice de aceitação de Collor reflete a descarga de informações recebida pelo adolescente, principalmente através da televisão. "No meio do ano passado, Sílvio Santos era o franco favorito para suceder Sarney. Em novembro, com a vitória do PT em várias capitais importantes Lula tornou-se o ungido, e, agora, Collor repete o fenômeno", verifica Lamounier.

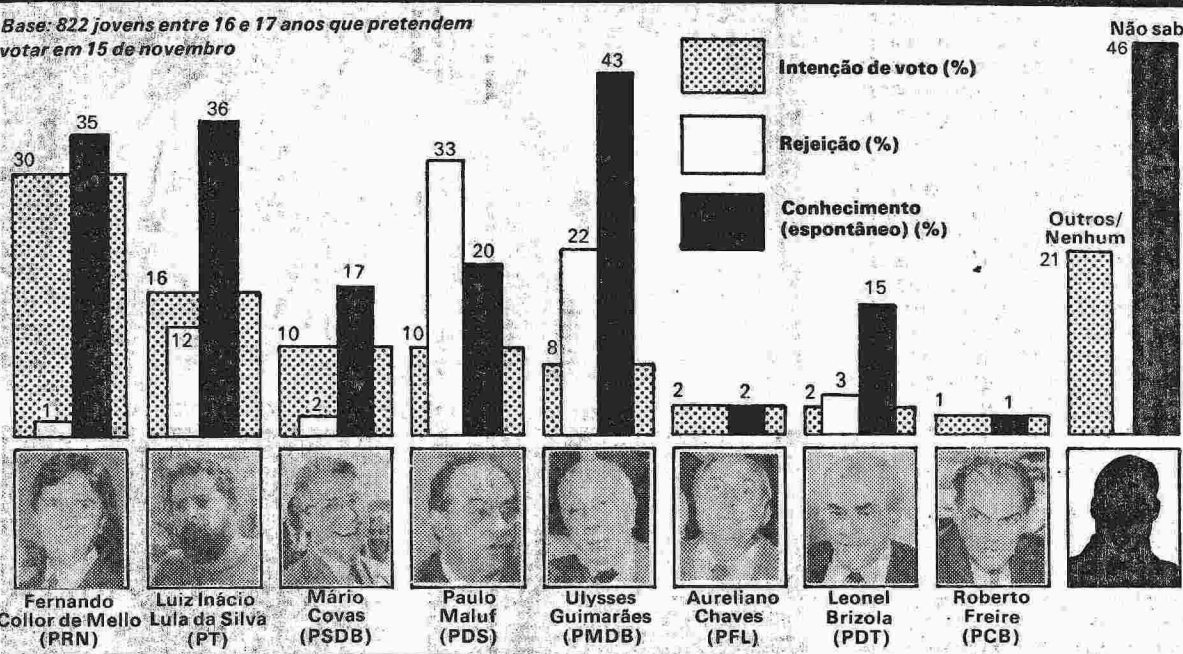
A televisão, conclui a pesquisa do Estado, é um importante canal de identidade do jovem, na opinião de 77% dos entrevistados. O interesse por políticos é minúsculo. Apenas um em cada cinco jovens se identifica com a prática política, e 92% apontam a música como seu canal de identificação com o mundo. "Grande parte dos meus 30 pacientes adolescentes tem enorme interesse por música, a ponto de julgar e escolher os companheiros de acordo com preferências musicais", revela o psiquiatra e psicoterapeuta paulistano Josef Kijner.

A pesquisa do Estado demonstrou ainda um aparente paradoxo. Os jovens se sentem felizes e esperançosos, mas somente 4% considera boa ou ótima a situação política do Brasil de hoje. Para mais da metade dos entrevistados, o futuro presidente deve fazer o País "um pouco melhor", desde que consiga enfrentar os problemas econômicos — uma preocupação de 64% dos adolescentes. A aflição com a economia lançou ladeira abaixo a resposta estereotipada do descaso com a educação (somente 11% acreditam que o ensino é um problema que exige solução rápida). "O baixo interesse pelos problemas educacionais é um dado positivo na pesquisa, pois mostra que os jovens não estão alheios à crise generalizada do País e a julgam mais importante que suas necessidades imediatas", constata Lamounier.

Edição: Wagner Barreira. Reportagem: Lina de Albuquerque Mauro e Fernando Granato. Colaboraram Joyce Russi, Mary Zaidan e Sandra Sato (Brasília), Ricardo Osman, Gabriel Nogueira e Rosângela Honor (Rio).

O voto dos adolescentes

Os resultados de intenção de voto entre os eleitores adolescentes da Capital e outras sete cidades do interior de São Paulo (ABC, Santos, Campinas, Piracicaba, Ribeirão Preto, Sorocaba e Bauru) não foram muito diferentes da intenção da maioria do eleitorado. Os jovens votam parecido com os adultos. Pesquisa realizada na última semana de maio.



Realismo e confiança

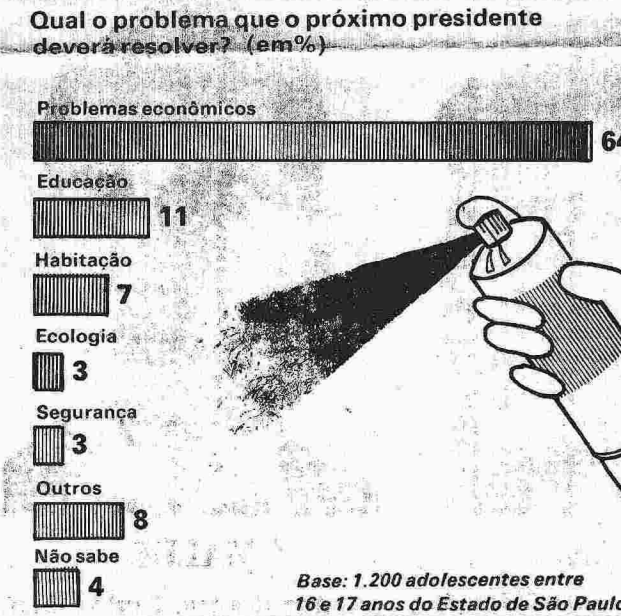
A situação política do País só é considerada boa ou ótima por 4% dos entrevistados. Para metade dos adolescentes a situação é péssima. A juventude, no entanto, nutre boas expectativas quando ao futuro governo: dois em cada três adolescentes acreditam que o próximo presidente fará o Brasil melhor

Situação política (em %)		Expectativas quanto ao futuro presidente (em %)	
Otima	2	Muito melhor	12
Boa	2	Pouco melhor	55
Regular	24	Pouco pior	22
Ruim	24	Muito pior	11
Péssima	48	—	—

Base: 1.200 adolescentes entre 16 e 17 anos do Estado de São Paulo

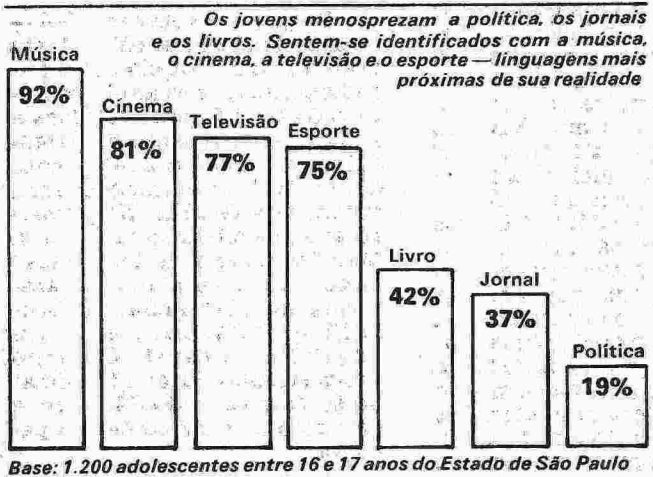
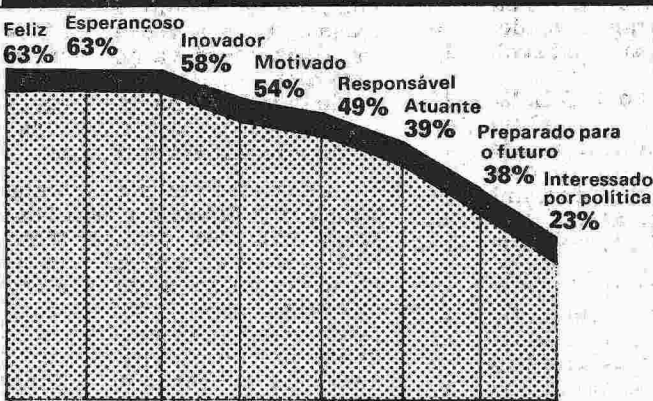
O bolso preocupa

Quase dois terços dos adolescentes acreditam que o próximo presidente da República terá que resolver problemas econômicos para fazer um bom governo. Inflação, custo de vida, dívida externa e melhores salários são as principais queixas dos jovens.



Felizes e despreparados

A maioria dos jovens se sente feliz, esperançosa e inovadora, mas poucos se julgam preparados para o futuro ou interessados por política



Foram realizadas 1.200 entrevistas pessoais entre jovens de 16 e 17 anos, sendo 50% com o sexo masculino e 50% com o feminino. 600 entrevistados são de São Paulo (500 na Capital e 100 no ABC) e 600 do Interior: Bauru, Campinas, Piracicaba, Ribeirão Preto, Santos e Sorocaba. As entrevistas foram distribuídas por zona geográfica e realizadas entre os dias 20 e 23 de maio.

Fonte: Departamento de Pesquisa do Estado